



## CARTAS PEDAGÓGICAS NA PANDEMIA: UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

### Cartas pedagógicas en la pandemia: una estrategia metodológica

**LUCIANE DE ANDRADE DUARTE**  
Mestrado Profissional em Educação  
(UNIPAMPA)

Mestranda na Unipampa - Campus Jaguarão-  
RS

[lucianeduarte.aluno@unipampa.edu.br](mailto:lucianeduarte.aluno@unipampa.edu.br)

**ANA CRISTINA DA SILVA RODRIGUES**  
Mestrado Profissional em Educação  
(UNIPAMPA)

Professora Permanente do Mestrado Profissional  
em Educação, campus Jaguarão

[anacristina@unipampa.edu.br](mailto:anacristina@unipampa.edu.br)

**RESUMO:** Vivemos numa sociedade altamente tecnológica, o uso das tecnologias digitais tornou-se uma prática recorrente no cotidiano de grande parte da população, no entanto, com o surgimento do novo coronavírus, e, consequentemente, a chegada de uma pandemia em escala mundial, que ainda assola todas as esferas da sociedade, teve seu cotidiano drasticamente modificado. O advento da pandemia ocasionou a suspensão das aulas presenciais, tudo mudou e continua mudando a cada dia. Tais mudanças afetam drasticamente o modo de avaliar, repentinamente, professores tiveram e têm o desafio diário de dar aulas remotamente. Nesse cenário que surge nossa proposta de usar as cartas pedagógicas como uma estratégia avaliativa. Tal proposta surge em articulação extensão e pesquisa a partir das experiências do Curso de Extensão: “Cartas Pedagógicas como proposta metodológica de ensino, pesquisa, extensão e gestão”. A pesquisa foi realizada na escola estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva, no município de Jaguarão/RS, os sujeitos da pesquisa foram professores dos 4º e 5º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental e da equipe diretiva da referida escola. O objetivo geral foi identificar as dificuldades encontradas pelos professores para avaliar os alunos de forma remota. Metodologicamente este trabalho foi pensado e construído através de cartas pedagógicas, que foram enviadas aos participantes com o intuito de conhecer os limites e possibilidades em avaliar de forma remota.

**Palavras-Chave:** Avaliação. Ensino Remoto. Cartas Pedagógicas.

**RESUMEN:** Vivimos en una sociedad altamente tecnológica, el uso de las tecnologías digitales se ha convertido en una práctica recurrente en el día a día de gran parte de la población, sin embargo, con la aparición del nuevo coronavirus, y, en consecuencia, la llegada de una pandemia a nivel mundial, que aún azota a todas las esferas de la sociedad, vio drásticamente modificada su vida cotidiana. La llegada de la pandemia provocó la suspensión de las clases presenciales, todo ha cambiado y sigue cambiando a cada día. Tales cambios afectan drásticamente la forma de evaluar; de pronto, los docentes tenían y tienen el reto diario de enseñar a distancia. En este escenario

Texto enviado em: 29/03/2022

Aceito em: 30/10/2022

---



que surge nuestra propuesta de utilizar las cartas pedagógicas como estrategia evaluativa. La investigación fue realizada en la escuela estatal de Enseñanza Básica Joaquim Caetano da Silva, en el municipio de Jaguarão/RS, los sujetos de la investigación fueron profesores de los 4° y 5° años de las series iniciales de la enseñanza básica y también del equipo directivo de esa escuela. El objetivo general es identificar las dificultades encontradas por los sujetos de la investigación para evaluar a los estudiantes de

forma remota. La metodología de este trabajo fue diseñada y construida a través de cartas pedagógicas, que fueron enviadas a los sujetos de la investigación con el fin de conocer los límites y posibilidades de evaluar a distancia y también identificar el concepto de evaluación de cada participante.

**Palabras clave:** Evaluación. Enseñanza a Distancia. Letras Pedagógicas.



## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta experiência de articulação entre pesquisa e extensão a partir da realização do Curso de Extensão “Cartas Pedagógicas como proposta metodológica de ensino, pesquisa, extensão e gestão realizado no primeiro semestre de 2021.

O curso com duração tem 60 horas foi ofertado em conjunto com componente do Programa de Pós-graduação em Educação -Mestrado Profissional em Educação do Campus Jaguarão -UNIPAMPA. O curso foi uma proposta articulada entre ensino, pesquisa e extensão na relação entre os discentes da pós-graduação, comunidade externa vinculada à educação e professores pesquisadores visitantes em torno da obra de Paulo Freire. A proposta se destinou a estudar a obra de Paulo Freire sob a perspectiva das Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico de ensino, pesquisa, extensão e gestão. No programa buscou-se caracterizar o que são Cartas Pedagógicas, desde a lógica do convite e os efeitos que este provoca nos sujeitos envolvidos. Também foi proposta a experiência estética e os laços ético-pedagógicos com as Cartas Pedagógicas inseridas nos diferentes contextos da educação: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Envolveu também o estabelecimento do contrato didático com instrumentos e procedimentos metodológicos de formação, com base no pensamento freireano: Diário de Registros, Cartas Pedagógicas e Rodas de Diálogo virtuais.

A partir das vivências no curso de extensão foi estruturada a ação de pesquisa-extensão-ação relatada a seguir. Assim, busca-se apresentar a maneira como as cartas pedagógicas foram utilizadas como instrumento metodológico de pesquisa e extensão em tempos de pandemia, já que, as atividades presenciais haviam sido suspensas devido a

chegada da pandemia. O objetivo principal de fazer uso das cartas pedagógicas como metodologia foi: identificar os limites e as possibilidades encontradas pelos sujeitos da pesquisa em avaliar os alunos de forma remota e a concepção desses sujeitos sobre o que seja avaliação.

Com o advento da pandemia e consequentemente a suspensão das aulas presenciais, emergiu o ensino remoto emergencial. No entanto, afloraram também questões já existentes que ficaram mais presentes no que se refere à educação, tais como: falta de acesso ou acesso precário às ferramentas digitais, tanto por parte dos professores e dos alunos.

No que se refere a avaliação, surgiu um outro problema, que é a avaliação, como avaliar os alunos dos anos iniciais no ensino remoto emergencial? E é este problema, questionamento que permeia essa pesquisa.

A avaliação é tida como algo assustador, divisor de águas na escola, algo que acaba classificando, rotulando alunos a partir de notas ou mesmo conceitos. Ainda muitos professores usam a avaliação como um instrumento de poder e consequentemente de ameaça frente aos alunos.

Silva (2004), chama atenção para o fato que estamos vivendo um momento de mudanças e questionamentos e, tais mudanças acabam chegando também às escolas. Se a sociedade vem sofrendo transformações, a escola não pode ou deveria se manter com os mesmos valores tão ultrapassados. Dessa forma, para pensar na avaliação como um todo, faz-se necessário primeiramente rever o papel que a escola, os professores e a avaliação possuem hoje frente a uma demanda da sociedade que vem se transformando rapidamente.



Em meados do mês de março (2020), as aulas presenciais foram suspensas em todo território nacional, em todos os níveis da educação (desde a Educação Infantil até a pós-graduação) pública e privada. As aulas presenciais migraram para o ensino remoto, com essa migração das desigualdades sociais, mais uma vez acabaram por ficarem em evidência. Machado (2020) destaca que em um espaço curto de tempo, professores tiveram que passar a trabalhar de uma forma muito diferente a que estavam acostumados. Todos sofremos de algum modo os impactos da pandemia, pode-se dizer que em todas as esferas que compõem nossa sociedade, não é apenas a área da educação que foi e está sendo afetada. Basta ligar a televisão, rádio, acessar qualquer rede social que inevitavelmente o assunto do momento é o vírus e os impactos da pandemia em nossas vidas. Não só os professores tiveram que se reinventar rapidamente, alunos e suas famílias também precisaram lidar com as tecnologias digitais para ter acesso às aulas remotas.

Com o advento do Coronavírus, além dos impactos sanitários e econômicos, a sociedade brasileira tem de lidar com outro vírus, o vírus da desinformação, da ignorância e agregado a eles, o vírus da desigualdade. Nesse viés, Charczuk (2020), afirma que a falta de ações para combater ou mesmo para incentivar práticas de prevenção em tempos pandêmicos,

É importante enfatizar, ainda, que as diretrizes (ou falta delas) por parte do atual presidente Jair Bolsonaro, bem como sua posição negacionista diante da letalidade do novo vírus, fez que as medidas de distanciamento social se efetivassem de modo errante e não coordenado. (CHARCZUK, 2020, p.02)

Muitas dúvidas surgem em meio a esse momento tão atípico em que estamos vivendo, uma delas é como avaliar os alunos remotamente? Quais os critérios que deverão

ser levados em consideração? Será considerado que muitos alunos não têm acesso à internet, ou mesmo não possuem celulares? E quanto à resolução de tarefas, como saber se realmente são os alunos que estão realizando as tarefas enviadas?

Todas as esferas da sociedade foram afetadas pela pandemia, certamente algumas mais que outras, os reflexos são visíveis na economia, saúde (física e mental) chegando às salas de aula. Nas palavras de Santos (2020) “*O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro*”. (p.07)

Outro dado que deve ser levado em conta é que de acordo com Machado (2020), no que se refere aos professores e formações voltadas para o uso das tecnologias digitais, em uma pesquisa realizada em 2018 desenvolvida pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), 50% dos professores entrevistados participaram de algum curso, debate ou palestra sobre o tema tecnologia e educação, 55% afirmam que nunca tiveram em sua formação acadêmica atividades com o intuito de usar as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, 19% considera que houve contribuição do curso de formação continuada realizado sobre o uso de computador e internet em atividades de ensino, Dois terços dos professores não fazem uso do computador e também da internet para realizar as atividades com alunos e, 76% das escolas não possui nenhum tipo de formação para os professores sobre o uso das tecnologias digitais.

Acreditamos que a escolha de usar as cartas pedagógicas como um instrumento metodológico seja de grande valia, principalmente se pensarmos nos dados apresentados acima, pois,

As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização



dos seres humanos. Para tanto, a educação é teórica e prática, ocupando-se em resolver problemas da vida concreta dos oprimidos. Nesse viés, é importante uma metodologia coerente com a Educação Popular Libertadora (PAULO; DICKMANN 2020, p.24)

Importante ressaltar que, querendo ou não, a realidade encontrada atualmente por professores é o cenário de que:

Os estudantes da nova era já nasceram imersos nas tecnologias eles são o que chamamos de “nativos digitais”, pois conseguem com muita habilidade manusear as ferramentas eletrônicas, aproveitando esta conectividade devemos inserir o computador e a internet como um instrumento pedagógico e não como um salvador ou substituto do professor estimulando a criação de projetos que conectem a escola com o mundo digital estimulando os discentes a criarem blogs para que postem conteúdos complementares ao que foi visto na sala de aula possibilitando a criação de materiais e sínteses muitas vezes brilhantes, incentivar o uso das redes sociais com consciência e responsabilidade, com os computadores conectados a internet a escola possui uma fonte inesgotável de captação e produção de conteúdo. (LABORDE, 2011, p. 02)

Em tempos em que dizer o que pensamos é algo que pode ser visto como um ato de coragem ou ser entendido como rebeldia, faz-se necessário manter os ensinamentos de Paulo Freire vivos em nossa prática docente.

### **CARTAS PEDAGÓGICAS COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO**

Impossível não escrever um pouco sobre o criador, idealizador das cartas pedagógicas, Paulo Freire, respeitado e conceituado educador brasileiro, mesmo após sua morte. Ele desenvolveu o método de alfabetização popular chamado “Método Paulo

Freire”, mundialmente conhecido até hoje, assim como o Movimento de Alfabetização (MOVA), em salas comunitárias, adotado por várias prefeituras.

Freire, foi professor, ocupou vários cargos governamentais e, também, foi supervisor do programa para alfabetização de adultos e Secretário de Educação da cidade de São Paulo.

Exilado no Chile e Estados Unidos na época da ditadura, Freire retornou anos mais tarde ao Brasil. Paulo Freire criticava o sistema tradicional de educação. Por esse motivo elaborou novos métodos de ensino e lançou várias obras literárias com ricos conteúdos para a área de educação. Faleceu em 02 de maio de 1997.

A carta pedagógica é considerada um gênero discursivo específico criado por Freire, ele tinha o hábito de enviar cartas para aqueles que tinham como objetivo educar e ensinar. Tornou-se uma marca registrada do referido autor, presentes até hoje entre aquelas pessoas que se consideram amantes das teorias freirianas.

Nossa escolha em usar as cartas pedagógicas como metodologia e como um dos produtos ocorreu por duas razões, a primeira foi a própria escolha de trabalhar com esse gênero tão interessante e a segunda foi a suspensão das aulas presenciais, já tínhamos a intenção de utilizar as cartas em nosso projeto. Com o advento da pandemia, as cartas foram uma alternativa encontrada para continuar a pesquisa a distância.

De acordo com Paulo e Dickmann

As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos. Para tanto, a educação é teórica e prática, ocupando-se em resolver problemas da vida concreta dos



oprimidos. Nesse viés, é importante uma metodologia coerente com a Educação Popular Libertadora. (PAULO; DICKMANN, 2020, p.24)

Para Paulo e Dickmann (2020), o que difere uma carta comum de uma carta pedagógica é a presença de fundamentos epistemológicos. A principal diferença entre uma carta convencional e uma pedagógica é produzir conhecimento e possuir uma postura política.

Ainda de acordo com os referidos autores, o ponto de partida de uma carta pedagógica é a vida, ou seja, a realidade de quem escreve, e o objetivo da escrita é começar uma aproximação, um diálogo com o interlocutor.

A carta pedagógica tem o poder de reforçar a alteridade e o compromisso entre os seres comunicantes. A concordância com o texto e a troca de cartas vai reforçando as relações de interação e de dependência com o outro, gerando um comprometimento mútuo com a mensagem e com os seus reflexos teóricos e práticos. (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 47)

Para o uso das cartas pedagógicas realmente ter sentido, faz-se necessário que haja respostas às cartas enviadas. No entanto, é preciso chamar atenção para o fato de que efetivamente uma carta pedagógica necessita de uma resposta, que também será uma carta pedagógica.

No que se refere ao método de escrita de uma carta pedagógica, Paulo e Dickmann (2020) de A carta pedagógica tem o poder de reforçar a alteridade e o compromisso entre os seres comunicantes. A concordância com o texto e a troca de cartas vai reforçando as relações de interação e de dependência com o outro, gerando um comprometimento mútuo com a mensagem e com os seus reflexos teóricos e práticos. (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 48)

O objetivo de fazer uso das cartas em nosso trabalho é a partir das cartas respostas, escrever novas cartas. A utilização das cartas pedagógicas como instrumento, primeiramente, de coleta de dados e, posteriormente, como produto da pesquisa, se dá pelo fato de existir maior rigor e ao mesmo tempo seriedade, sem perder a amorosidade. Fazer uso das cartas pedagógicas como um instrumento metodológico, nos possibilitou uma proximidade mesmo que não presencial com os sujeitos da pesquisa.

Sabemos que, provavelmente, neste de grupo de professoras existem aquelas com vontade de aprender, enfrentar o desconhecido (nesse caso aulas remotas), as que têm medo do novo, porém, não se deixaram abater com a nova realidade e aquelas cuja negação é evidente, que simplesmente se recusam a tentar algo novo, tentando ficar presas a métodos e práticas já recorrentes.

O que une todas nesse momento são as incertezas de como avaliar os alunos remotamente, de forma que leve em consideração o período em que todos estamos atravessando. Sem deixar de lado o olhar humano que é uma característica das professoras em geral, principalmente no Ensino Fundamental

Cada carta foi muito mais que um instrumento de diagnóstico ou uma intervenção, cada carta foi escrita pensando no destinatário e como tal destinatário estaria naquele exato momento. Foi um misto de sentimentos, a escolha de cada palavra, foi pensada na personalidade do destinatário.

Foram enviadas 7 cartas pedagógicas, todas respeitando o rigor e o carinho que são características deste gênero textual. Todas as cartas possuíam a mesma estrutura, iniciando com data e local, nome do destinatário, todas foram escritas de forma pessoal, ou seja,





levando em conta a individualidade de cada participante.

Primeiramente, organizamos as cartas respostas em dois grupos: equipe diretiva e professores. Foi possível perceber o desconforto por parte da professora D, este gerado pela falta de autonomia:

Partindo da premissa de que não temos nenhuma escolha, pois tudo nos é, infelizmente, "enfiado" goela abaixo, tivemos que, como tu mesma bem dissestes, nos reinventarmos e dividirmos em mil, diga-se de passagem, trabalhando em casa sem as mínimas condições possíveis e até nos estressando com algumas pessoas. (Professora D, 2021)

No entanto, uma participante da equipe diretiva também relata que apesar do suporte oferecido aos professores para trabalhar de forma remota, muitos demonstraram dificuldades:

A gestão este ano me pareceu muitas vezes limitada e impotente devido aos altos e baixos de uma pandemia. Refiro-me ao alcance pretendido em algumas comunicações, a dificuldade encontrada por alguns colegas em meio a tanta mudança, ao papel do fazer pedagógico em meio a uma pandemia. (Professora S, 2021)

A participante I, destaca que:

“Foi preciso, em função da necessidade e urgência em um prazo muito curto professores e gestores passar por uma aceleração e uma imersão em um mundo de aprendizagem da cultura digital.” (Professora I, 2020)

Esses três trechos das cartas respostas apontam que, independentemente de ser professor ou membro da equipe diretiva, todos concordam que não foi e continua não sendo nada fácil trabalhar de forma remota. Principalmente por ter acontecido de forma tão rápida.

No que diz respeito à avaliação da aprendizagem, as participantes diferem acerca das dificuldades encontradas em avaliar de forma remota, pois de acordo com a participante D:

Quanto às avaliações, não acho que tenha sido aplicado um método correto de se diagnosticar o conhecimento de um aluno! Mas aí vem a pergunta: Como fazer, no meu ponto de vista, tudo foi feito, como disse antes, da melhor maneira que se poderia fazer! (Professora D, 2020)

Ainda sobre a avaliação, a participante N, viu no ensino remoto uma oportunidade de avaliar:

Uma das possibilidades de avaliação nessa nova modalidade de ensino remoto, é que o professor está mais perto do aluno afetivamente e emocionalmente, essa interação professor/aluno mais do que nunca traz um resultado positivo, o professor passa a conhecer mais seu aluno e buscar as estratégias para melhorar as possíveis lacunas. (Participante N, 2021)

A participante N vê no ensino remoto uma oportunidade não só de aproximar professores e alunos, mas também uma oportunidade de realizar uma avaliação em tempo real. Freire (2015), aborda que os professores devem estar num eterno processo de pensar e repensar os processos de ensino-aprendizagem em sua totalidade como integrante de suas relações de conhecimento. com os educandos, sendo coerentes com seus discursos e suas práticas educativas. Incorporando nas práticas docentes, em suas propostas pedagógicas, as relações entre o contexto educacional e social dos alunos.

Em um ponto as participantes concordam, em todas as cartas elas relataram terem a consciência tranquila sobre o trabalho realizado: sobre esse aspecto, a participante S escreveu:



Nosso grupo gestor fez tudo que estava ao alcance de ser realizado, buscando sempre atender alunos, famílias e dar o suporte

#### Porém de acordo com a participante I:

Uma das possibilidades de avaliação nessa nova modalidade de ensino remoto, é que o professor está mais perto do aluno afetivamente e emocionalmente, essa interação professor/aluno mais do que nunca traz um resultado positivo, o professor passa a conhecer mais seu aluno e buscar as estratégias para melhorar as possíveis lacunas. (Professora I, 2021)

Quando o assunto é a avaliação remota, a participante S, destaca que:

Como docente realizei uma única atividade no final do ano letivo com a palavra avaliação, a qual teve como principal objetivo diagnosticar suas facilidades e/ou dificuldades em realizar as atividades propostas. Minhas avaliações tiveram apenas duas questões [...]. Busco na minha prática me valer de instrumentos avaliativos que considerem a aprendizagem de forma processual e qualitativa. (Professora S, 2021)

Ainda sobre a avaliação, a participante N, viu no ensino remoto uma oportunidade de avaliar:

A participante N vê no ensino remoto uma oportunidade não só de aproximar professores e alunos, mas também uma oportunidade de realizar uma avaliação em tempo real. Freire (2015), aborda que os professores devem estar num eterno processo de pensar e repensar os processos de ensino-aprendizagem em sua totalidade como integrante de suas relações de conhecimento com os educandos, sendo coerentes com seus discursos e suas práticas educativas. Incorporando nas práticas docentes, em suas propostas pedagógicas, as relações entre o contexto educacional e social dos alunos.

pedagógico aos professores nos momentos em que precisavam de auxílio ou orientação. (Participante S, 2021)

Uma das possibilidades de avaliação nessa nova modalidade de ensino remoto, é que o professor está mais perto do aluno afetivamente e emocionalmente, essa interação professor/aluno mais do que nunca traz um resultado positivo, o professor passa a conhecer mais seu aluno e buscar as estratégias para melhorar as possíveis lacunas. (Participante N, 2021)

Em um ponto as participantes concordam, em todas as cartas elas relataram terem a consciência tranquila sobre o trabalho realizado. Em consonância com a participante descrita acima, a participante D relatou que:

Mas conseguimos, chegamos ao final deste ano letivo atípico, com a certeza de que fizemos o melhor que podíamos, com o conhecimento e a consciência que tínhamos. (Participante D, 2021)

De acordo com a professora I, apesar de haver esforços por parte da equipe gestora em dar suporte para alunos, pais e professores:

O que ficou de lição neste ano atípico é que nem tudo que parece “óbvio”, o é para todos. Que nem sempre tudo que falamos é compreendido da maneira como desejamos e que por detrás de cada ser humano que faz parte da comunidade escolar sempre há uma história de vida a qual deve ser levada em consideração e respeitada principalmente em época de pandemia. (PROFESSORA I, 2021)

Menciona também o adoecimento físico e mental, ocasionados com a chegada da pandemia: “*qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar*”.

Sabe-se que a gestão escolar antes da pandemia, lidava com toda parte burocrática da escola, divisão de turmas, designação de professores, atendimento aos alunos, pais e





professores. Enfim, a equipe diretiva é a responsável pela organização de uma escola e consequentemente é a responsável direta pelo trabalho docente.

Algumas cartas vieram carregadas de um sentimento de insatisfação, indignação e até mesmo contrariedade: *“sabes que não costumo fazer esse tipo de texto, mas vamos lá!”* E a desconformidade com o sistema/ governo fica mais evidente:

Partindo da premissa de que não temos nenhuma escolha, pois tudo nos é, infelizmente, "enfiado" goela abaixo, tivemos que, como tu mesma bem dissestes, nos reinventarmos e dividirmos em mil, diga-se de passagem, trabalhando em casa sem as mínimas condições possíveis e até nos estressando com algumas pessoas. (Professora D, 2021)

A educação com essa rotina entediante vai perdendo seu encanto, seu poder de nos fazer mais humanos, civilizados. Na verdade, o sistema educacional tem sido um lugar de produzir excluídos, pessoas que vão perdendo sua autoestima e sua crença na capacidade de aprender, ou seja, a escola em vez de ensinar a aprender tem feito o contrário, ensina a aprender a não aprender. (SILVA, 2010, p.28)

Paulo Freire, nos traz um importante ensinamento no que se refere ao medo. Medo este que se fez e ainda faz presente em tempos de aulas remotas. O medo do desconhecido, do difícil, surge no professor que teme tempestades, que teme inseguranças e tantas outras particularidades. Para tanto, surgem as reflexões em torno do medo. Aqui nos referimos ao medo da nova realidade que surge com o ensino remoto emergencial. Nesse sentido, emergiram e certamente ainda emergem tantas indagações de que não podemos recuar no primeiro obstáculo que nos defrontamos, mesmo que o desconhecido seja cercado de incertezas e obscuridades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das cartas pedagógicas, foi possível criar uma ponte com os sujeitos envolvidos na pesquisa, mesmo à distância, assim como, conhecer os limites e possibilidades encontradas por parte dos professores e equipe diretiva, em avaliar remotamente os alunos.

Pode-se dizer que a avaliação foi positiva, pois apesar de todos os percalços, prevaleceu o encanto das cartas pedagógicas, difícil mensurar o momento da escrita de cada carta, pensar em cada destinatário, foi um momento único. Momento este superado apenas com o retorno de cada carta, pensar que cada destinatário abdicou de algum momento da sua rotina para se debruçar na escrita da carta retorno, é algo impagável.

A amorosidade se faz presente já nas primeiras linhas da carta: *“Estou respondendo a tua amável carta.”* Outro fato que penso ser importante destacar é a citação do nome de Freire, por parte da professora N:

Paulo Freire conta com o amor como a essência da educação e para tanto o profissional da educação deve ter um olhar diferenciado não somente para o seu aluno, mas para todo o contexto que ele está inserido inicia-se assim o primeiro "modus operandi" da forma que o professor vai avaliar seus alunos. (Professora N, 2021)

Tal como a primeira carta, a amorosidade se faz presente já no início da carta: *“Agradeço pelo carinho e espero poder dar minha pequena contribuição no teu projeto.”* Diferentemente da professora N, a professora I, demonstra preocupação pelo fato das aulas e, consequentemente, as avaliações serem remotas:

Nesse contexto, cheio de novidades e desafios, como saber se os alunos estão se desenvolvendo e alcançando os objetivos?



Como avaliar a aprendizagem sem saber o que eles sabem? Como avaliar os alunos com necessidades especiais no ensino remoto que precisam de um atendimento mais individualizado? E os alunos que não têm condições de acesso à plataforma e pegam material físico? Como saber se foi o aluno quem fez a atividade ou algum familiar? Ou pesquisou no *Google*? (Professora I,2021)

A terceira carta, foi mais sucinta e objetiva, diferente das duas cartas anteriores, a amorosidade também se fez presente, uma vez que a remetente relata que priorizou manter o vínculo entre alunos e escola, levando em conta o fato de saber que nem todos os alunos tiveram o mesmo acesso às ferramentas digitais

No que se refere ao conceito de avaliação, a professora S, aponta que utiliza a avaliação diagnóstica em sua prática docente, com o intuito de verificar o processo de aprendizagem dos alunos e, também, para avaliar seu trabalho.

Silva (2010), defende que:

No processo de ressignificação da concepção e das práticas avaliativas educacionais (...) no que diz respeito que todo professor deve avaliar seu trabalho, tomar as informações dele advindas para refletir e reorientar sua prática. Institucional na medida em que os sistemas de educação precisam proporcionar espaços de formação continuada, para que os profissionais da educação se aproximem, em especial, do campo teórico da avaliação educacional, dinamizando um repensar e um refazer sobre suas concepções e práticas. (SILVA, 2010, p.81)

A quarta carta, não menciona conceito de avaliação, ou mesmo limites e possibilidades em avaliar remotamente os alunos. Traz aspectos ligados à gestão, apresenta um desabafo no que se refere aos problemas enfrentados pela gestão em lidar com todos os impasses encontrados em lidar com seus pares.

Uma das cartas menciona a questão do adoecimento dos profissionais da educação durante o ensino remoto: “*qual seria o rumo da pandemia e o quanto poderia afetar a saúde física e emocional da comunidade escolar*”.

No que diz respeito ao conceito de avaliação, a maioria das cartas trouxe o conceito de avaliação diagnóstica. Porém, nenhuma mencionou que foi decidido no coletivo qual critério de avaliação o grupo deveria usar.

Primeiramente, é preciso entender que cada avaliação tem sua própria função, para Silva (2010) existem três funções que norteiam o processo avaliativo: função diagnóstica e prognóstica, função reguladora e função somativa. Sobre a função diagnóstica e prognóstica, o autor ressalta que:

[...] responde às seguintes perguntas: quem são nossos alunos? A que comunidade pertencem? Que desejos possuem? Que necessidades existenciais e cognitivas trazem? Que sabem sobre o que queremos ensinar? Como constroem seus saberes e suas competências? Que são capazes de aprender a partir do que sabem? (...) essa função avaliativa mapeia a história de vida, os saberes, as competências e os estilos de aprendizagens para que nosso trabalho pedagógico seja significativo para os aprendentes [...] (SILVA,2010, p.75)

Para Gomes (2014), a avaliação deve ser discutida e definida em grupo, não deve ocorrer de forma individual, ou seja, é errado pensar que cada professor deva decidir sozinho qual conceito de avaliação irá nortear seu trabalho.

Os diferentes sujeitos que recriam a escola como professores, alunos e pais são sujeitos avaliadores que interpretam e atribuem significados e sentidos à realidade escolar na qual estão inseridos, a partir das diferentes leituras dessa realidade, possibilitadas por suas diversas experiências. Nesse contexto, um



conjunto de referências é construído por ações dos sujeitos, os quais se orientarão a partir dessas referências, tomando-as como pontos de partida para as avaliações que desenvolvem. (GOMES, 2014, p.44)

Destaca-se, no entanto, que nenhuma das cartas faz menção a uma outra avaliação que não seja a diagnóstica, sabe-se que esta avaliação é ou deveria ser o primeiro passo no processo avaliativo e, não a única avaliação a ser utilizada.

O sentido de avaliação é compreender o que se passa na interação entre o ensino e a aprendizagem para uma intervenção consciente e melhorada do professor, refazendo seu planejamento e seu ensino e para que o aprendente tome consciência também de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de aprendizagem. (SILVA,2010, p.60)

O conceito de avaliação que prevaleceu na maioria das cartas, tanto das professoras como da equipe diretiva, foi a avaliação diagnóstica. Medos e incertezas se fizeram presentes nas cartas respondidas, sentimento de indignação, receio de que o trabalho realizado de forma remota não tenha sido suficiente.

A concepção de avaliação defendida por Paulo Freire é aquela que surge a partir da interação, mediação que ocorre entre professor e aluno, ou seja, está ligada às aprendizagens de ambos, não há assim um único detentor responsável por avaliar. Todos vivemos num constante processo de avaliação dentro e fora de ambientes escolares, tal prática está tão arraigada no cotidiano que nem percebemos, devido a ser algo que surgiu mesmo antes da própria escola. Assim, avaliar é muito mais que atribuir notas aos alunos.

Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos avançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a

prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. (FREIRE, 1997, p. 47).

De acordo com Freire (2013), os professores de tanto ouvirem da sociedade e de seus pares que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”.

Nessa perspectiva MACHADO (2020), afirma que o que há hoje nas palavras da autora é a “*desprofissionalização docente*”, uma vez que, os profissionais da educação estão perdendo sua identidade, devido a pressões sofridas por parte da escola para assumirem posturas, lugares, tarefas as quais não estão preparados.

Primeiramente, é preciso entender que cada avaliação tem sua própria função, para Silva (2010) existem três funções que norteiam o processo avaliativo: função diagnóstica e prognóstica, função reguladora e função somativa. Sobre a função diagnóstica e prognóstica, o autor ressalta que:

(...) responde às seguintes perguntas: quem são nossos alunos? A que comunidade pertencem? Que desejos possuem? Que necessidades existenciais e cognitivas trazem? Que sabem sobre o que queremos ensinar? Como constroem seus saberes e suas competências? Que são capazes de aprender a partir do que sabem? (...) essa função avaliativa mapeia a história de vida, os saberes, as competências e os estilos de aprendizagens para que nosso trabalho pedagógico seja significativo para os aprendentes (...) (SILVA,2010, p.75)

O mundo mudou, a sociedade está em constantes transformações, hoje, qualquer pessoa (que tenha acesso às ferramentas digitais) pode ter acesso em tempo real a acontecimentos, notícias do outro lado do mundo. E, os alunos estão acompanhando todas essas informações e mudanças, por isso,



os professores não podem e não devem ficar à margem de tanta mudança.

Oportunizar um momento de reflexão, às vezes até uma oportunidade de desabafar as angústias que o ensino remoto acarretou, só foi possível através de uma metodologia que fizesse uso das cartas pedagógicas.

### REFERÊNCIAS

- CHARCZUK, S. B. Sustentar a transferência do ensino remoto: docência em tempos de pandemia. Lições da Pandemia. *Revista Educação e Realidade*, 2020. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/4228/showToc>,
- GOMES, S dos S. *Um olhar sobre as práticas de avaliação na escola*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- DICKMANN, I. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Orgs.). *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- LABORE, Gregory. *O computador mais que uma ferramenta de ensino: um processo de Humanização*, 2011. Disponível em: [https://www.oficinadanet.com.br/artigo/educacao\\_a\\_distancia/o-computador-mais-que-uma-ferramenta-de-ensino-um-processo-de-humanizacao](https://www.oficinadanet.com.br/artigo/educacao_a_distancia/o-computador-mais-que-uma-ferramenta-de-ensino-um-processo-de-humanizacao).
- MACHADO, P. L. P. Educação em tempos de pandemia: o ensinar através de tecnologias e mídias digitais. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 58-68. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>.
- PAULO, F. S.; DICKMANN, I. Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular. In: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Orgs.). *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Edições Almedina, S. A. Coimbra, Portugal, 2020.
- SILVA, J. F. *Avaliação na Perspectiva Formativa: Pressupostos Teóricos e Práticos*. Editora Mediação, 2020.